

“NENHUM POEMA A MENOS”: A VIDA DE SUSANA CHÁVEZ CONTADA A PARTIR DA TEORIA ATOR-REDE. ARTICULAÇÕES E DESAFIOS

“NINGÚN POEMA A MENOS”: LA VIDA DE SUSANA CHAVEZ CONTADA A PARTIR DE LA TEORÍA ACTOR RED. ARTICULACIONES Y DESAFÍOS

Camila Rodrigues da Silva¹

RESUMO: O presente artigo se propõe trazer breves reflexões a respeito da Teoria de Ator-Rede (TAR) apresentada por John Law em sua obra “*Notas sobre a Teoria do Ator-Rede: ordenamento, estratégia, e heterogeneidade*” (1992) e por Bruno Latour (2012) em sua obra: “*Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*” a partir de três momentos da vida de Suzana Chaves: 1) Denúncia dos assassinatos de desaparecimentos de mulheres e a omissão do Estado para resolução dos conflitos; 2) Assassinato de Suzana e o ativismo político gerado a partir de sua morte; 3) Como sua história torna-se um símbolo criando uma narrativa sobre os feminicídios e direitos das mulheres que vai além do contexto local (Cidade Juárez, México). A partir desses três momentos distintos de sua vida, pretendo articular e mostrar como os diferentes atores-redes e atrizes-redes (humanos e não humanos) vão interagindo em cada um desses momentos a partir do papel que desempenham.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Ator-Rede. Susana Chávez. Direitos das Mulheres. Mobilizações femininas.

RESUMEN: El presente artículo se propone traer breves reflexiones acerca de la Teoría de Actor-Red (TAR) presentada por John Law en su obra “*Notas sobre la Teoría del Actor-Red: ordenamiento, estrategia, y heterogeneidad*” (1992) y por Bruno Latour (2012) en su obra: “*Reagregando la social: Una introducción a la teoría actor-red*” a partir de tres momentos de la vida de Susana Chávez: 1) la denuncia de los asesinatos y las desapariciones de mujeres y el fracaso del Estado para resolver de los conflictos; 2) Asesinato de Suzana y el activismo político generado a partir de su muerte; 3) Como su historia se convierte en un símbolo creando una narrativa sobre los feminicidios y derechos de las mujeres que van más allá del contexto local (Ciudad Juárez, México). A partir de estos tres momentos distintos de su vida, pretendo articular y mostrar cómo los diferentes actores y actrices-redes (humanos y no humanos) van interactuando en cada uno de esos momentos a partir de los papeles que desempeñan.

PALABRAS-CLAVE: Teoría Actor-Red. Susana Chávez. Derechos de las mujeres. Movilidad femenina.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sangre mía,
de alba,
de luna partida,
del silencio.
de roca muerta,
de mujer en cama,
saltando al vacío,
Abierta a la locura.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília (2016). É pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero (LIEG/UNESP), membro do Grupo de Pesquisa Cultura e Gênero. Email: camiladoura@gmail.com. - <https://orcid.org/0000-0003-3644-1900>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

Sangre clara y definida,
 fértil y semilla,
 Sangre incomprensible gira,
 Sangre liberación de sí misma,
 Sangre río de mis cantos,
 Mar de mis abismos.
 Sangre instante donde nazco adolorida,
 Nutrida de mi última presencia.²

“*Sangre mía, de alba, de luna partida, del silencio*” (Meu sangue, do alvorecer, da lua dividida, do silêncio) são as primeiras palavras do poema de Susana Chávez “*Sangre Nuestra*” (Nosso Sangue) que faz uma homenagem as mulheres vítimas de feminicídio na Cidade de Juárez, México³. Seu poema expressa sentimentos mais profundos de tristeza, impotência, aflição e dor diante inúmeros casos de mulheres assassinadas ou desaparecidas na cidade, casos estes, sem solução com os assassinos livres ou soltos. As vítimas em sua maioria eram mulheres adolescentes ou jovens de poucos recursos que começavam a trabalhar em precárias condições em fábricas instaladas na fronteira entre o México e Estados Unidos.

Susana Chávez além de poetisa e ativista mexicana dos direitos humanos foi uma das primeiras pessoas a denunciar esses feminicídios e não mediu esforços para obter informações sobre estes casos unindo-se a grupos de mães de jovens desaparecidas e feministas, gritando em voz alta que a justiça fosse feita e exigindo esclarecimentos para cada um desses casos de assassinatos e desaparecimentos. Utilizando de uma das frases de seus poemas: “*Ni una a menos, ni una muerta más*” (Nenhuma a menos, nenhuma morta mais), Susana vai às ruas para denunciar a violência na Cidade de Juárez. Esta frase, criada por ela, tornou-se poucos anos depois, o lema contra o feminicídios em todo o mundo.

Como resultado de sua luta, Susana e os grupos feministas da Cidade de Juárez conseguiram que a Corte Interamericana de Direitos Humanos apontasse o Estado Mexicano como um dos principais culpados desses fatos sentenciando-o por sua passividade, ineficácia e pela falta de investigação adequada sobre os crimes.

Contudo, no dia 6 de janeiro de 2011, depois de 10 anos lutando pelos direitos humanos e das mulheres, Susana foi brutalmente assassinada por três jovens de 17 anos que a estupraram, mutilaram sua mão esquerda (uma forma de marcar que foi por

² *Sangre Nuestra*. Susana Chávez Castillo (Ciudad Juárez, Chihuahua, México, 1974-2011). Poeta/Escritora/Artista.

³ Ciudad Juárez é uma cidade do México, no estado de Chihuahua. É uma das maiores cidades do México, contando com cerca de 2.6 milhões de habitantes na região metropolitana, incluindo a vizinha cidade de *El Paso*, no estado do Texas, Estados Unidos. É a sétima maior região metropolitana do México, foi fundada em 1659 **com o nome de Paso del Norte**, e abrangia as duas margens do rio Grande. Só em 1848 **foi dividida entre o México e os E.U.A., passando o lado mexicano a designar-se Juárez em 1888**. Conta com 17 parques industriais, dedicados às *Maquiladoras*. Disponível em: www.pt.wikipedia.org. Acesso 2 jul 2018.

narcotraficantes) e a asfixiaram com uma sacola na cabeça deixando-a abandonada no centro da cidade. Seu legado foi eterno e sua obra chamou atenção sobre as atrocidades cometidas contra as mulheres. Ela fez justiça diante de suas possibilidades e deixou o lema que uniria as mulheres em diferentes partes do mundo para lutar contra a violência de gênero e o assassinato de muitas outras mulheres.

Deste modo, o artigo se propõe trazer breves reflexões a respeito da Teoria de Ator-Rede (TAR) apresentada por John Law em sua obra “*Notas sobre a Teoria do Ator-Rede: ordenamento, estratégia, e heterogeneidade*” (1992) e por Bruno Latour (2012) em sua obra: “*Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*” a partir de três momentos da vida de Suzana Chaves: 1) Denúncia dos assassinatos de desaparecimentos de mulheres e a omissão do Estado para resolução dos conflitos; 2) Assassinato de Suzana e o ativismo político gerado a partir de sua morte; 3) Como sua história torna-se um símbolo criando uma narrativa sobre os feminicídios e direitos das mulheres que vai além do contexto local (Cidade Juarez, México).

A partir desses três momentos distintos de sua vida, pretendo articular e mostrar como os diferentes atores-redes e atrizes-redes⁴ (humanos e não humanos) vão interagindo em cada um desses momentos a partir do papéis que desempenham. Entendo assim como Law (1992) que atores e atrizes podem ser humanos ou não-humanos e assim, não apenas pessoas são considerados agentes e atuantes como também os animais, coisas, objetivos e instituições. Já a rede representa interligações de conexões, os nós, onde os/as atores/atrizas estão envolvidos/as. Ela pode seguir para qualquer lado ou direção e estabelecer conexões com atores-redes/atrizas-redes que mostrem algumas similaridade ou relação interferindo ou influenciando o comportamento um do outro.

A TEORIA ATOR-REDE

No início de sua obra, Bruno Latour (2012) apresenta a necessidade de reformular a noção de “social” ao explicar porque o social não deve ser construído como uma espécie de domínio quando assume a tarefa de fornecer uma explicação social de um estado das coisas. Ao referir-se a isso, ele faz uma crítica a sociologia já que sempre diluiu o social por toda parte e assim, em nenhuma em particular. Para exemplificar ele explica que foram usadas duas diferentes abordagens para responder perguntas sobre o social: 1) Social usado como um tipo especial de causalidade para explicar os aspectos residuais que escapam a outros domínios e nesse sentido, falar que tudo se explica por uma dimensão social e assim a prática social tornou-se senso comum; 2) Não há nada de específico na ordem social e assim não existe esfera dife-

⁴ Juntamente com o termo ator-rede proposto pelos autores, utilizo o termo “atriz-rede/ atrizes-rede” por considerar que compreende melhor a realidade heterogênea que se coloca.

rente da realidade que se possa atribuir a categoria de social ou sociedade – o social deve ser visto como um dos elementos de ligações que circulam por estreitos canais e não onde tudo se enquadra. É nesse sentido que a TAR é enfatizada, a partir da sociologia das associações, segundo Latour.

Com a TAR o autor procurar redefinir a sociologia não apenas como uma ciência do social e sim como uma busca de associações entre elementos heterogêneos, sua proposta é reagregar os elementos heterogêneos em um movimento constante de reassociação e reagregação, visto que a sociologia ficou limitada a um domínio específico e deixou de evidenciar tais associações diversas. Deste modo, na TAR acredita-se que os atores desenvolvam a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre o que é o social e os mesmos ganham papel central e cabe aos sociólogos/as entenderem quais são suas inovações para descobrir o que a existência coletiva tornou-se para eles. Deste sentido, não existe “o social” fora de redes heterogêneas que colocam em relação entidades humanas e não-humanas.

John Law (1992) escreve que, ao incorporar o papel dos não humanos dentro da TAR não quer dizer que humanos e não humanos são a mesma coisa. Ele não nega que os seres humanos usualmente tem algo a ver com os corpos e tampouco nega que os seres humanos tenha uma vida interior, mas insiste em dizer que os agentes sociais não estão somente localizados em corpos, mas ao contrário, atores são uma rede de padrões de relações heterogêneas ou um efeito produzido por uma rede, sendo assim:

O argumento é que pensar, agir, escrever, amar, ganhar dinheiro – todos atributos que nós normalmente atribuímos aos seres humanos, são produzidos em redes que passam através do corpo e se ramificam tanto para dentro e como para além dele. Daí o termo ator-rede – um ator é também, e sempre, uma rede (LAW, 1992 p. 4).

Ele apresenta um exemplo clarificador. Para ele uma máquina pode ser uma rede heterogênea, pois apresenta um conjunto de papéis desempenhados por materiais técnicos, como também por componentes humanos como (operadores, usuários e mantenedores), todas essas redes são redes que participam do social. O mesmo se estende a organizações e instituições: “essas são papéis, ordenados mais ou menos precariamente segundo certos padrões, desempenhados por pessoas, máquinas, textos, prédios, cada um dos quais pode oferecer resistência (LAW, 1992, p. 4)”.

Complementando as descrições apresentadas por John Law, Bruno Latour (2012) vai sugerir ainda que toda ação é assumida, ou seja, o ator não é uma peça que já está no tabuleiro e age a posterior. Ele é um ente que se constitui apenas na ação. Deste modo, o autor vai sugerir que seja utilizado o termo *actante* (atuante) fugindo da ideia de que atores/atuantes estão em um lugar esperando a hora de entrar em cena. Deste

modo, a ação é pensada como um evento e não como um ato que localiza sujeitos e objetos (SEGATA, 2012).

Ao utilizar a expressão Ator-Rede seu objetivo é deslocar a origem dessa ação reforçando que os “objetos também agem”, isso não implica pensá-los como intencionais e sim dotados de subjetividade o que remete a ideia de associação e de rede – humanos e não humanos não são distribuídos na cena como sujeitos e objetos. Os objetos, por sua vez, também agem, porque pensar a rede é pensar ações diversas e não pensadas em razão de causa e efeito (SEGATA, 2012).

Para Latour o trabalho do sociólogo é seguir atores, rastrear e descrever associações, ou seja, tecer a própria rede. A rede não está sendo descrita, ela é uma ferramenta, um método. Ela é um resultado e não um dado e sua descrição é uma maneira de dispor os rastros deixados por atores no decorrer de suas ações. Por fim Latour vai propor como a sociologia poderia reagregar o social deixando a ideia de sociedade e pensando a ideia de coletivos. Um coletivo para ele é constituído por diferentes atores sendo eles humanos ou não humanos.

As diversas agências são evidenciadas na TAR e o fim do social, segundo Latour, é o fim do lugar povoado apenas por humanos agentes e não humanos agidos, que davam sentido às ações dos primeiros. Por agência e participação Maria da Glória Gohn (2008) entende que são processos de vivência que imprimem sentido e significado a um grupo ou indivíduo tornando-os protagonistas de sua história, desenvolvendo uma consciência crítica desalienadora, agregando força sociopolítica a esse grupo ou ações individuais e coletivas e gerando novos valores e uma cultura política nova. Deste modo, utilizaremos de seu conceito abordando-o em uma perspectiva da TAR acreditando que esta agência e participação são vivenciadas por diferentes atores/atrizes sendo eles humanos e não humanos.

Diante desse breve contexto apresentado, algumas questões são colocadas parafraseando John Law (1992): Quais são os tipos de elementos heterogêneos criados ou mobilizados e justapostos para gerar os efeitos organizacionais? Como eles são justapostos? Como são superadas as resistências? Quais são as estratégias sendo performadas através das redes do social como uma parte do próprio? Até onde vão essas redes? Quão amplamente elas são performadas? Como elas interagem?

PRIMEIRO MOMENTO: “NI UNA MUERTA MÁS”

O **primeiro** momento a ser evidenciado nessa breve reflexão a partir da trajetória de vida de Susana Chávez, foi quando ela realiza a denúncia de inúmeras mortes e desaparecimentos de mulheres diante da omissão do Estado em resolver os casos.

A poetisa mexicana foi uma das primeiras a denunciar os feminicídios recorrentes de mulheres na Cidade de Juárez, visto que na década de 1990 o tema não era conhecido para a maioria da população. As vítimas eram em sua maioria: adolescentes, jovens e pobres que trabalhavam como funcionárias fabris, garçonetes ou eram estudantes. Muitas delas eram sequestradas, privadas de sua liberdade e submetidas a violência sexual antes de serem assassinadas e seus corpos mutilados. Na maioria dos casos as mulheres vítimas nunca eram encontradas deixando sua família sem saber onde estavam e o que tinha acontecido.

Susana utiliza seu blog como canal de denúncia, na qual se manteve firme e constante. Durante anos ela bateu todas as portas possíveis para obter informações, apareceu nos tribunais e visitou todos os cantos da cidade procurando os corpos dessas meninas, a maioria dos quais foram encontrados em valas comuns, estupradas, mutiladas e irreconhecíveis.

Em 1995 Susana cunha a frase que se tornaria o slogan da luta contra os assassinatos de mulheres na cidade fronteiriça: “*Ni una muerta más*” que mais tarde seria utilizado por inúmeros coletivos espalhados pelo mundo, a exemplo o Coletivo NiUnaMenos⁵ como bandeira de luta contra a violência e mortes de mulheres, sendo transformado em: “*Ni una muerta más, ni una menos*”. A partir desse cenário de assassinatos e impunidade, Susana se une ao movimento feminista e com grupos de mães das mulheres assassinadas, para cobrar do Estado soluções para os casos. Sua mobilização passa a ter a cobertura dos meios de comunicação dando visibilidade ao movimento e iniciando uma rede de atores e atrizes humanos/as e não humanos/as.

Juntamente com as mães dessas jovens, Susana começou sua caminhada pelas ruas de Ciudad Juarez, gritando em voz alta que a justiça fosse feita. Com banners, vídeos, leitura de poesia e performances, elas foram decididas a denunciar para toda a cidade esses casos, exigindo que fosse esclarecido cada um desses assassinatos e desaparecimentos.

Ainda na busca por justiça, alguns escritores se reuniram no “Encontro de Poetas na Cidade de Juárez” organizado por Carmem Amato, encontro este, que teve como resultado a elaboração de um livro chamado: “*Canto a una ciudad en el desierto*” (1998-2002) realizado por Juan Armando Rojas y Jennifer Rathbun, no qual Susana participou com um dos seus poemas mais conhecidos “*Sangre Nuestra*”. Ao ser apresentado no prólogo do livro, seu poema é descrito da seguinte maneira: “El terror provoca

⁵ O Coletivo em 2015 surgiu da necessidade de dizer “basta aos feminicídios” diante dos altos índices de mulheres mortas na Argentina (a cada 30 horas uma mulher é assassinada apenas por ser mulher). O coletivo nasceu de um grupo de jornalistas, ativistas, artistas, mas cresceu quando a sociedade assumiu o controle e transformou-a em uma campanha coletiva. A Ni Una Menos juntou milhares de pessoas, centenas de organizações em todo o país, escolas, militantes de todos os partidos políticos. Disponível em <http://niunamenos.com.ar> Acesso 14 dez. 2017.

el silencio y la imposibilidad de actuar, como ocurre en “*Sangre Nuestra*” de otra autora Chihuahuense, Susana Chávez”:

Sangre Mía
sangre del alba,
sangre de luna partida,
sangre del silencio.

Ao realizar a repetição da palavra Sangue, Susana representa a voz de uma mulher vítima de assassinato. “*En el poema, la sangre impera y llena con su color, sabor y textura hasta la última presencia de la mujer muerta que canta, y al hacerlo, se libera*”, continua o prólogo. Deste modo, este livro representou também parte do ativismo de Susana e sua luta contra a violência e morte de mulheres que assume inúmeras formas, incluindo a mais drástica: o assassinato.

Deste modo, a trajetória de Susana e sua articulação a partir de manifestações, os locais aonde as mesmas são realizadas, mídia, internet, poemas em blogs, cartazes, produção de um livro denunciando as mortes e mulheres, movimentos feministas e grupos de mães, irão articular em rede atores e atrizes humanos e não humanos fazendo com que o que elas estão denunciando ganhe visibilidade nacional e internacional.

Essa rede pode se mostrar de diversas formas e por isso é uma ação de muito trabalho, no qual elementos heterogêneos são organizados e ordenados formando esta ação final. Uma vez que o social é formado por uma rede de materiais heterogêneos, logo esses materiais não são apenas humanos (como a agência de Susana, do grupo de mães e de feministas e suas articulações) como também não humanos (manifestações e seus locais, mídia, internet, poemas em blogs, livros, cartazes). Nessas relações de interação social, o objeto constitui um papel importante de mediador seja por meio do computador, da mídia, das manifestações, dos poemas e o elemento não humano se torna indispensável para que as relações sociais se constituam e tornando-se indispensável para a visibilidade das denúncias naquele momento.

Nesse sentido, toda ação é constituída de redes que existem graças às suas relações e articulações. Susana como uma atriz-rede compõe uma associação de atores e atrizes formando assim uma rede em que todos eles são construídos atores e atrizes e a associação por sua vez, permite a cada um deles agir. A figura abaixo (Figura 1) ilustra a realidade apresentada, destacando a priori a ação principal de Susana ao realizar a denúncia diante da morte e desaparecimentos de mulheres e como sua ação (que não é isolada) permite que atores e atrizes-redes humanos e não humanos, sejam inseridos nessa rede desencadeando outras formas de articulação.

Tais atores e atrizes em rede possuem suas próprias agências e participam em diferentes redes, discursos, modos de ordenação e práticas heterogêneas e a realidade se torna cada vez mais complexa. As redes produzem efeitos novos e também geram novas articulações que estão conectadas umas as outras ressaltando elementos heterogêneos e suas mobilizações. Susana Chávez foi uma das primeiras pessoas a denunciar os assassinatos sistemáticos de mulheres em Ciudad Juárez e sua luta alcançou instâncias internacionais e punições contra o México por sua passividade, inércia e falta de investigação adequada para os crimes na qual a Corte Interamericana de Direitos Humanos considerou o Estado mexicano como um dos principais responsáveis por estes fatos.

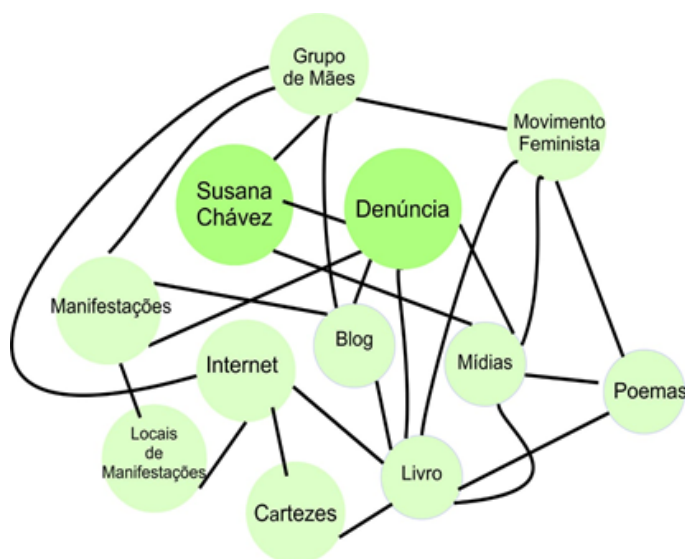


Figura 1 Primeiro Momento - Denúncia dos assassinatos de desaparecimentos de mulheres e a omissão do Estado para resolução dos conflitos.

SEGUNDO MOMENTO: “¡NO + SANGRE!”

O **segundo** momento da vida de Susana é representado por seu assassinato e será evidenciado neste item ressaltando como o mesmo ocorreu e como seus desdobramentos acionam e fazem agir e interagir diferentes atores-redes/atrizes-redes como ativistas feministas e outros grupos de ativistas, agentes do governo, do narcotráfico, de outras partes da sociedade civil, jornais locais nacionais e internacionais, mídia digital, fotos, redes sociais, poemas de Susana, que ganham outros e novos sentidos.

Segundo a figura abaixo (Figura 2) podemos evidenciar a ideia proposta pela TAR, na qual os seres humanos estabelecem uma rede social, não só porque interagem com seres humanos como também com outros materiais. Deste modo o social, assim como defendia Law (1992), não se deve só pelas pessoas e foi representado neste segundo momento, por ativistas feministas e de direitos humanos, artistas, agentes do go-

verno e do narcotráfico e da sociedade civil como também pelos jornais, mídia digital, fotos, redes sociais e poemas.

Susana foi morta brutalmente no dia 6 de janeiro de 2010 por três jovens de 17 anos que a estupraram, mutilaram sua mão esquerda (uma forma de marcar que foi por narcotraficantes) e a asfixiaram com uma sacola na cabeça deixando-a abandonada no centro da cidade. Segundo o procurador que acompanhou o caso Carlos Manuel Salas, a morte de Susana foi “Foi uma infeliz reunião” ficando clara sua tentativa de culpabilizar a vítima de sua própria morte. Ela tinha saído com algumas amigas onde estivera em um bar, no qual encontrou três garotos de 17 anos que a estupraram, asfixiaram e mutilaram. (La Izquierda Diario, 2018).

Ainda segundo La Izquierda Diario (2018), diante do clima de impunidade, Susana foi morta por ser mulher e pelo seu ativismo: “eles a mataram como fizeram com as mulheres pelas quais ela lutou e denunciou com sua voz e palavras”. A cidade de Juárez torna-se mais uma vez a cidade do feminicídio, nas quais centenas de famílias fazem peregrinações em busca de suas filhas desaparecidas encontrando apenas impunidade e apatia por parte do governo. A morte de Susana impactou especialmente a comunidade artística em Juárez e do movimento de direitos humanos, que durante décadas persistem na denúncia de feminicídios e impunidade diante da ineficiência do Estado em proteger a vida das mulheres e punir os culpados. Várias mobilizações foram realizadas em frente às embaixadas e consulados mexicanos em protesto pela morte de Susana e pelas demais mortes brutais de mulheres nos quais se exigiam justiça e o fim da impunidade.

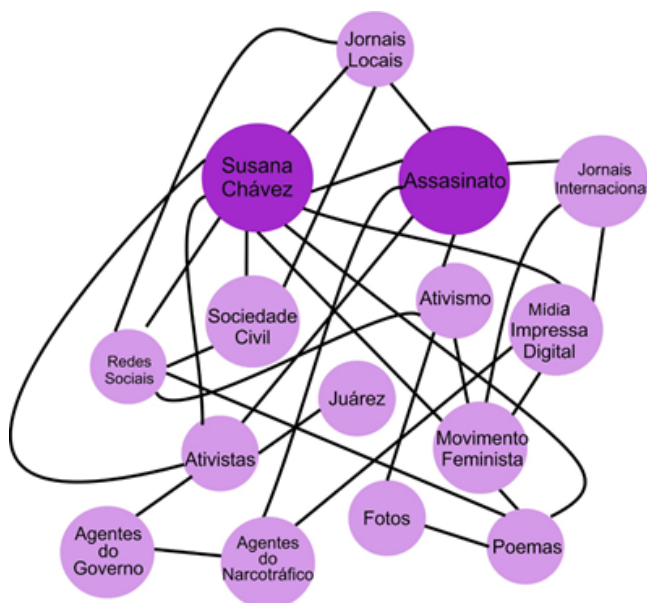


Figura 2 Segundo Momento Assassinato de Suzana e o ativismo político gerado a partir de sua morte

No dia 11 de janeiro de 2011, alguns dias após a morte de Susana, a Rede de Saúde de Mulheres Latino-Americanas e Caribenhas⁶ divulgou uma declaração pública que foi enviada para o Presidente Felipe Calderón (2006-2012), exigindo que cumpra seu dever de proteger as vidas e os direitos das mulheres e meninas como exigido pelos instrumentos de direitos humanos dos quais o México é signatário; justiça imediata nos assassinatos das ativistas de direitos humanos, Marisela Escobedo⁷ e Susana Chávez; bem como a aquisição de proteção e reparação dos danos necessários às suas famílias; ações imediatas que permitam as transformações socioculturais necessárias à desnaturalização da violência contra as mulheres, abordando o grande desafio ético e político de desconstruir os sistemas de poder que hoje conspiram para tornar a violência sexista um fenômeno cotidiano.

Por outro lado, foram realizados inúmeros protestos virtuais recebidos de maneira *online* para que fossem compartilhadas nas redes sociais e tinham como objetivo destacar a violência, em particular a violência machista em todo o país e protestar por justiça a todas as vítimas de feminicídios. A Figura 3 representa um exemplo de protesto virtual organizado pela Rede no qual utilizavam como palavras de ordem: “¡NO + SANGRE! ¡Por la vida de las mujeres, basta de feminicidios, basta de violencia machista!”



Figura 3 Protesto virtual pela justiça para todas as vítimas de feminicídios.

⁶ Rede de Saúde da América Latina e Caribe Mulheres (RSMLAC) é uma rede de indivíduos e organizações de movimentos sociais e de saúde das mulheres composta de 558 organizações e 329 afiliadas individualmente, de diferentes países, principalmente, América Latina e Caribe, assim como o resto do mundo. Registraram-se progressos na construção de uma agenda política baseada em direitos humanos e postulados feministas que atendam às demandas, propostas e desafios das mulheres em sua luta histórica para o direito de decidir sobre o seu corpo e o destino de suas vidas. Disponível em: <http://reddesalud.org/que-es-la-rsmlac/acerca-de-nosotros/>. Acesso 27 jul 2018.

⁷ Marisela Escobedo Ortiz começou seu ativismo social em 2008 na Cidade de Juarez após o assassinato de sua filha de 16 anos, tendo como principal assassino seu ex-companheiro. Mesmo após confessar seu crime, os juízes absolveram o assassino por falta de provas gerando um escândalo que deu a conhecer Marisela Escobedo nacional e internacionalmente. Em resposta, Marisela iniciou uma série de protestos contra a resolução do caso e contra as autoridades do estado de Chihuahua, pedindo que o assassino fosse preso e levado de volta a julgamento. Depois que a resolução foi apelada, um tribunal do circuito revogou a absolvição e declarou e o sentenciou por assassinato, no entanto, ele permaneceu um fugitivo da justiça. Depois de inúmeros protestos contra o governador José Reyes Baeza Terrazas e César Duarte Jáquez, instalou-se em protesto em frente do Palácio do Governo e em 16 de dezembro de 2010 ela foi assassinada com uma bala na cabeça. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Marisela_Escobedo_Ortiz. Acesso 27 jul 2018.

Neste sentido, na partir da abordagem da TAR podemos verificar a multiplicidade de materiais heterogêneos conectados em uma rede de múltiplas entradas sempre em movimentos que podem se conectar a novos elementos. Todos os fenômenos são feitos dessa rede, que mescla pessoas e objetos, dados da natureza e dados da sociedade e não separam humanos e não humanos como já salientado. Os humanos criam objetos interferindo sobre eles, contudo estes objetos também modificam sua forma de viver e de estar no mundo.

Após o assassinato de Susana novos atores e atrizes redes não humanos entram em cena ressaltando o ascendente ativismo associado às articulações em rede sociais, jornais, mídias, fotos e poemas de Susana que possuem agência e se tornam ativos dentro dessa rede. Agentes do governo e do narcotráfico bem como a sociedade civil também desempenham papel fundante nesse processo de articulação em rede que se relacionam com os objetos modificando-os mutuamente.

TERCEIRO MOMENTO: ¡SI TOCAN A UNA TOCAN A TODAS!

No **terceiro** e último momento da trajetória de vida de Susana será evidenciado a posterior de seu assassinato, no qual é produzido um símbolo, uma narrativa sobre o feminicídio e sobre os direitos das mulheres que vai além do contexto local (Cidade Juarez, México) produzindo uma “pontualização” sobre o ser mulher numa perspectiva nova, contemporânea, que nesse momento vai de encontro, afirma e dá força (empodera) o discurso de denúncia, afirmação e conquistas de novos direitos.

Nesse contexto, a internet foi a grande responsável pelas transformações nas formas como organizamos as estruturas sociais e o instrumento pelo qual experimentamos novas formas de narrar biografias, outras maneiras de expressar subjetividades, relacionamentos, diversão. A grande mudança refere-se a hibridização dos contextos *on-line e off-line* não sendo mais possível uma separação ontológica dessas duas dimensões. Essas mudanças podem ser observadas nas formas como alteramos a compreensão de alguns conceitos essenciais como tempo e lugar, exibição e intimidade, público e privado (ABREU, 2017).

Um conceito que se destaca diante desse novo cenário, é o que Carla de Abreu (2017) vai chamar de digifeminismo. Para ela todas as ações mediadas pelas tecnologias usadas como maneira de subverter e confrontar o patriarcado são práticas feministas. Para exemplificar seu conceito ela apresenta alguns exemplos:

[...] quando uma mulher cria um *meme* para ironizar o machismo, isso é digifeminismo. Quando outras mulheres usam seus perfis nas redes sociais para expressar opiniões ou denunciar comportamentos sexistas, isso é digifeminismo. Quando as mulheres se interessam em aprender técnicas para se proteger, como a criptografia e

o desenvolvimento de aplicativos e linguagens de programação, por exemplo, isso é digifeminismo. Quando criam *blogs* e páginas pessoais, para discutir sobre o empoderamento da mulher, isso é digifeminismo (ABREU, 2017, p. 137).

Fazendo alusão ao conceito cunhado por Donna Haraway (1991) chamado de *ciborg*, Carla de Abreu acredita que os *ciborgs* de hoje são todas as pessoas que transitam em mundos digitais e a familiaridade com as tecnologias provocou certos deslocamentos na maneira de pensar o sujeito e seus processos de subjetivação. Esses espaços são utilizados por algumas pessoas e grupos sociais em lugares de agência política e um território favorável às explorações de narrativas alternativas e trocas de experiências (ABREU, 2017). Esses espaços de agência política e a possibilidade de explorar narrativas polifônicas e troca de experiências foram fundamentais para que os/as atores e atrizes redes ilustrados na Figura 4 apresentassem discursos de denúncia, empoderamento e conquistas de novos direitos.

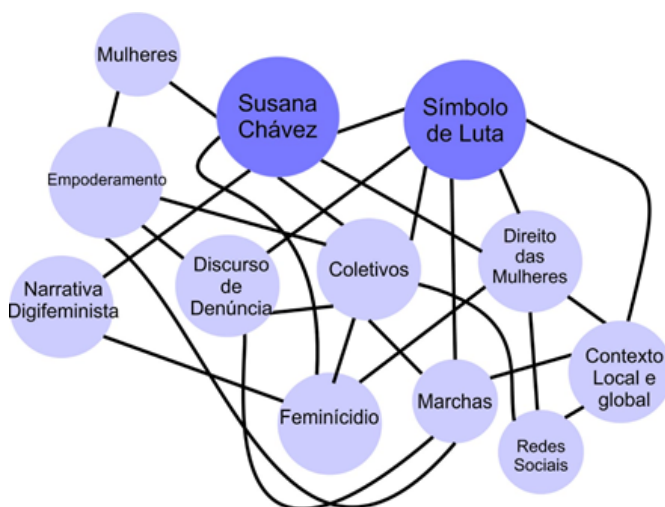


Figura 4 Terceiro Momento Susana Chávez e Símbolo de luta

Neste sentido, Susana foi morta por condenar o assassinato de mulheres na Cidade de Juárez e ainda hoje o governo mexicano continua acreditando que o assassinato de Susana não foi produto de um crime organizado ou contra seu ativismo e o caso continua impune. Contudo, hoje graças a sua grande luta um legado muito importante foi deixado: centenas de mulheres e numerosos movimentos feministas pelo mundo saem às ruas denunciando os inúmeros casos de feminicídios e a violência contra as mulheres no México, América Latina e no mundo. Ela foi capaz de dar voz às vítimas esquecidas pelo Estado e por isso, sua morte nunca será em vão.

Seu caso aliado com inúmeros outros feminicídios na América Latina fez surgir em 2015 na Argentina um coletivo feministas chamado #NiUnaMenos, no qual promoveu a realização da greve de mulheres conhecida como *Paro Internacional* por meio de mobilizações massivas para chamar a atenção para o problema da violência contra as mulheres. Neste contexto, o papel dos coletivos feministas ganha centralidade ao denunciar os crimes de gênero por todo o mundo.

María Pía, integrante do Coletivo “Ni una a Menos”, ressalta sua experiência cotidiana de participação no coletivo⁸ e enfatiza que, o considera um movimento social plural e heterogêneo que tem como objetivo ir às ruas para lutar contra a violência machista e cotidiana que as mulheres enfrentam. As ações coletivas não são partidárias e sim políticas nas quais a agenda tornou-se complexa quando assumiram o seguinte posicionamento: “#NiUnaMenos. ¡Si tocan a una tocan a todas!” como palavras de ordem ditas por milhares de pessoas que marcham contra os episódios de violência doméstica sofrida por mulheres.

Segundo dados apresentados no site do Coletivo (NI UNA A MENOS, 2015), em 2008 na Argentina a cada 40 horas uma mulher foi morta já em 2014 a cada 30 horas. Essas estatísticas e tantos outros casos motivaram seus integrantes a dar um basta a esses assassinatos tendo em mente que a solução deve ser construída coletivamente:

Necesitamos sumar compromisos para cambiar una cultura que tiende a pensar a la mujer como objeto de consumo y descarte y no como una persona autónoma. El femicidio es la forma más extrema de esa violencia y atraviesa todas las clases sociales, credos e ideologías: Pero la palabra “femicidio” es, además, una categoría política, es la palabra que denuncia el modo en que la sociedad vuelve natural algo que no lo es: la violencia machista. Y la violencia machista es un tema de Derechos Humanos. Hablamos entonces de una cultura de la violencia contra las mujeres. Hablamos de hombres que piensan que una mujer es suya y que tienen derecho sobre ella, que pueden hacer lo que quieran, y que cuando esa mujer dice NO, la amenazan, le pegan, la matan para impedir que diga NO (NI UNA A MENOS, 2015).

Segundo documento disposto no site (NI UNA A MENOS, 2015) o feminicídio marca os corpos das mulheres violentamente e ameaça outras, fazendo com que elas não digam não, e renunciem sua independência. A maioria das mulheres que morreram foi assassinada por homens de seu ciclo íntimo e assim, o feminicídio torna-se um assunto privado e produto de uma violência social e cultural que os discursos públi-

⁸ Essas considerações foram apresentadas na mesa de debate chamada “Coletivos Feministas” sob a coordenação da Professora Janyne Sattler e da Professora Sonia E. Alvarez como debatedora principal. Dentre as participantes estavam María Pía López (Socióloga e integrante do Coletivo Ni una menos), Cristiane Mare da Silva (Integrante do Coletivo Pretas em Desterro) e Sandra Muñoz (Organizadora da Marcha das Vadias). A mesa fez parte do *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11* juntamente com a *13ª edição Women's Worlds* realizado nos dias 31 de julho a 4 de agosto de 2017 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

⁹ Tradução: “Nem uma a menos. Se mexem com uma, mexem com todas.”.

cos as legitimam cada vez que alguém diz a uma mulher que ela é “puta” por exercer a sua sexualidade livremente ou cada vez que alguém a julga pelo seu corpo, ou cada vez que uma mulher diz que não quer ter filhos ou por cada vez que alguém a ridiculariza por julgar não ser uma boa esposa ou uma boa mãe (NI UNA A MENOS, 2015).

Para seus integrantes o privado é político e cada mulher que queira dizer “basta”, deixar de ser vítima e converter-se em sobrevivente, desafia a estrutura da violência machista. Essa decisão representa um momento de vulnerabilidade e é quando ela mais precisa de outras pessoas que ajudem a sustentar a decisão como redes de afeto, sociais, assistência do Estado e um ativismo político forte que insiste em dizer que essa mulher não está sozinha e que a culpa não é sua. O coletivo se propõe estimular o poder de ação, liberdade e autonomia dessa mulher que deve se reconhecer como sujeita política e que luta pela vida que deseja viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse novo contexto latino-americano que evidencia as diferenças entre as mulheres e suas demandas ressaltando lugares de poderes e privilégios, geradas por classe, raça/cultura, identidade sexual, lugar ou idade o papel dos coletivos feministas ganham destaque. Os coletivos feministas começam a ganhar força com a ascensão do feminismo interseccional que se debruça sobre a intersecção de padrões culturais de opressão. Por exemplo, uma mulher negra e pobre é discriminada pelo gênero, cor da pele e classe social e suas demandas incluem a superação do machismo, do racismo e da exclusão social todas interligadas¹⁰. Eles contribuem por reforçar essa visão do feminismo por ser uma corrente mais plural entendendo a opressão das mulheres em todas as suas manifestações e assim, ganhando mais espaço e alcançando mais mulheres.

A partir da TAR foi possível evidenciar como os diferentes atores-redes e atrizes-redes (humanos e não humanos) interagem e agem a partir dos papéis que desempenham, tendo como plano de fundo a trajetória de Susana Chávez. Esses atores e atrizes relacionados podem interferir e influenciar o comportamento um do outro e estão envolvidos em redes. Susana foi evidenciada neste artigo como uma atriz-rede que compõe uma associação de atores e atrizes formando assim redes heterogêneas nas quais

¹⁰ Podemos citar alguns exemplos de coletivos que possuem uma visão do feminismo interseccional como **Coletivo Feminista Classista Tia Marcelina** (coletivo feminista classista que realiza debates a respeito das mais diferentes opressões estabelecidas socialmente levando em conta as perspectivas de gênero, raça e classe); **Coletivo Flores Crew** (coletivo feminista formado por mulheres e homens que fazem parte do movimento Hip Hop, foi fundado em 2004, para contribuir com o fomento de espaços de produção artística e diálogo crítico em favor de uma sociedade menos desigual); **Coletivo Anália Franco** (criado pela iniciativa de alunos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) há dois anos no qual realiza reuniões quinzenais abordando diversos temas como feminismo negro, mulheres na cultura nerd (quadrinhos e games), poliamor e relações livres, representação da mulher na mídia, etc.); **Mulheres de Pedra** (coletivo que objetiva valorizar o protagonismo da mulher negra na construção de um outro mundo no qual as relações se tecem através da arte, da educação, da economia solidária e da diversidade cultural). Disponível em <http://www.mamu.net.br> Acesso 18 dez 2017.

cada um deles pode agir. Ao destacar sua ação principal de denúncia diante da morte e desaparecimentos de mulheres na Cidade de Juárez, ela desencadeia outras formas de articulação entre atores e atrizes sendo eles humanos e não humanos. Esses atores e atrizes em rede assumiram suas próprias agências e o segundo marco é ressaltando – o assassinato de Susana. Diante dessa realidade cada vez mais complexa ganham destaque o ativismo do movimento feminista e direitos humanos, as redes e mídias sociais que se posicionam e exigem respostas mais contundentes do Estado. Por fim, as redes produzem efeitos novos gerando também novas articulações e a história de Susana torna-se um símbolo de luta contra a violência de gênero e o feminicídio em todo o mundo.

Para Melucci, o que permite a construção das identidades de um determinado movimento é a existência das redes sociais submersas. É neste campo que as diferentes redes dialogam e se inter-cruzam, que se gestam, se experienciam e se constroem as identidades coletivas (MELUCCI, 1999 apud MESQUITA, 2008). Estes espaços proporcionados pelas redes sociais submersas são espaços de ampla troca de experiências, nos quais tomam diferentes formatos “[...] e se constituem na base da dinâmica do cotidiano, se realizando, quase sempre, no nível da invisibilidade e da transitoriedade, devido à rapidez com que se transformam os contextos e campos políticos” (MESQUITA, 2008:186).

Tais redes são estabelecidas em um nível micro da ação dos movimentos em seu âmbito privado e ganham visibilidade e força quando os atores e atrizes coletivos se enfrentam ou entram em conflito no espaço político e público da sociedade e é nesse “continuum fronteiro” que as identidades coletivas são gestadas e fortalecidas. Os coletivos atuam em um ritmo cada vez mais acelerado e esta velocidade está relacionada com uma maior criação de oportunidades políticas a partir do aumento do número de interlocução entre as redes sociais diversas bem como o aumento da informação pelo surgimento de novas tecnologias (MESQUITA, 2008).

Deste modo, o olhar para a compreensão dessas novas configurações dos coletivos feministas contemporâneos é um olhar que se aproxima das reflexões de Mesquita (2008). Um olhar de quem percebe o movimento dos diferentes grupos dentro do próprio movimento de forma a possibilitar a existência de novas experiências no campo da militância política, um olhar de quem observa a dinâmica que se estabelece entre os diferentes grupos para tentar conectar as dimensões da política, dos feminismos, da multiplicidade de mulheres e das experiências vivenciadas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. Narrativas digifeministas: arte, ativismo posicionamentos políticos na internet. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 02, n. 04, p. 134-152, jan./abr. 2017.
- GOHN, M. da. O protagonismo da sociedade civil: Movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2008 (Coleção questões da nossa época; v.123)
- LATOUR, B. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.
- LAW, J. Notas sobre a teoria do ator-rede: ordenamento, estratégia e heterogeneidade. Tradução Fernando Manso, 1992.
- MELUCCI, A. Acción colectiva, vida cotidiana y democracia. México: Centro de Estudios Sociológicos (1999).
- _____. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MESQUITA, M. R. Cultura e política: A experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil. Revista Crítica de Ciências Sociais, 81, Junho 2008: 179-207.
- POSSAS, L.M.V. Violência de Gênero e a cultura do estupro no espaço acadêmico: vulnerabilidade e história. 2º encontro GT de Gênero da ANPUH Nacional. UNIRIO, RJ. 2016.
- SEGATA, J. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Revista ILHA. v. 14, n. 2, p. 238-243, jul./dez. 2012.

Sites Consultados

- NI UNA A MENOS. En qué creemos y qué pedimos. Buenos Aires/AR, 2015 Disponível em: <http://niunamenos.com.ar/?page_id=8> Acesso em: 17 dez. 2017.
- COLETIVO JORNALISMO SEM MACHISMO. Coletivo jornalismo sem machismo debate opressão na profissão e na universidade. Cotidiano, UFSC. 2015. Florianópolis, SC. Disponível em <<http://cotidiano.sites.ufsc.br/coletivo-jornalismo-sem-machismo-debate-opressao-dentro-das-universidades/>> Acesso 14 dez. 2017.
- MAPA COLETIVO DE MULHERES (MAMU). Mulheres Negras, 2016. Disponível em <<http://www.mamu.net.br>> Acesso 18 dez 2017.
- LA IZQUIERDA DIARIO. Susana Chávez, un origen de #NiUnaMenos, 2018. Disponível em: <<https://www.laizquierdadiario.com/Susana-Chavez-un-origen-de-NiUnaMenos>> Acesso em: 27 jul. 2018.
- REDE DE SAÚDE DA AMÉRICA LATINA E CARIBE MULHERES. Nuevo femicidio en México: asesinan a la escritora y activista Susana Chávez. Convocan a Protesta Mundial, 2011. Disponível em <<http://www.herbogeminis.com/IMG/pdf/rsmlac.pdf>> Acesso em: 27 jul 2018.
- UNIVISION NOTICIAS. Asesinan a activista Susana Chávez en Chihuahua, 2011. Disponível em: <<https://www.univision.com/noticias/noticias-de-mexico/asesinan-a-activista-susana-chavez-en-chihuahua>> Acesso em: 27 jul. 2018.

GAZETA DO POVO. Ativista mexicana é assassinada em Ciudad Juárez, 2011. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/ativista-mexicana-e-assassinada-em-ciudad-juarez-e2341upvimn2h9ywed1ndnhvy>> Acesso em: 27 jul. 2018.

EL DEFINIDO. #NiUnaMenos - La historia de la poetisa que inició esta lucha (y que murió por ser mujer, 2016. Disponível em: <<https://www.eldefinido.cl/actualidad/mundo/6582/NiUnaMenos-La-historia-de-la-poetisa-que-inicio-esta-lucha-y-que-murio-por-ser-mujer/>> Acesso em: 27 jul. 2018.

Recebido: 23/04/2019

Aceito: 31/05/2019

